

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Gustavo Araújo Batista¹

Resumo: Este artigo tem como propósito fazer uma abordagem que estabeleça um vínculo possível entre a Filosofia e a Educação Ambiental, com o intuito de estimular discussões que associem a experiência filosófica com os desafios enfrentados no sentido de construir uma nova educação baseada em princípios que promovam uma relação harmônica entre a civilização e a natureza, tendo o ser humano como seu mediador, considerado um animal natural e cultural.

Palavras-chave: Filosofia, educação ambiental

Abstract: This article has as its purpose to make an approach that establishes a possible link between Philosophy and Environmental Education, with the intuit of stimulating discussions that associate the philosophical experience with the challenges faced in the sense of constructing a new education based on principles that promote a harmonic relation between civilization and nature, having the human being as its mediator, considered as a natural and cultural animal.

Key words: Philosophy, environmental education

Considerando-se que uma das principais discussões nos dias atuais é aquela que gira em torno do debate acerca do fenômeno conhecido como aquecimento global, muito se tem argumentado sobre o que é realmente relevante e o que não o é em se tratando de chegar-se a um denominador comum no tocante ao fato daquilo que deve ou não ser feito para evitar que o planeta Terra, cuja temperatura tem aumentado de forma mais rápida nos últimos anos, sofra um colapso climático e, conseqüentemente, uma catástrofe ambiental, o que colocaria a hipótese de risco de extinção muitas espécies de seres vivos, inclusive a espécie humana. Desse modo, tal hipótese alarmante tem chamado a atenção de políticos, de cientistas, de filósofos, de intelectuais em geral e, acima de tudo, de ambientalistas, no sentido de propor medidas que contenham o aquecimento global e, desse modo, a vida na Terra não fique ameaçada.

Com o intuito de somar esforços tanto para conhecer quanto para atuar sobre que caminhos podem ser adotados diante da polêmica do aquecimento global, este texto foi pensado de modo a estabelecer relações entre a Filosofia e a Educação Ambiental, uma vez que, partindo do pressuposto de que tal polêmica diz respeito, em maior escala, à

¹ Doutorando em Educação pela UNICAMP – Campinas – SP e Professor de filosofia da FUCAMP – Monte Carmelo – MG.

maneira pela qual o homem pensa a natureza (aqui tomada como sinônimo de meio ambiente) e as interações que estabelece e/ou deve estabelecer com a mesma, o que constitui, em última instância, em um assunto que, simultaneamente, envolve essas duas disciplinas (Filosofia e Educação Ambiental). Assim sendo, este texto tratará de definir, sumariamente, o que são Filosofia e Educação Ambiental para, em seguida, estabelecer as inter-relações que essas duas áreas guardam entre si e, finalmente, fazer alguns apontamentos no que concerne às discussões em torno do fenômeno do aquecimento global.

A Filosofia é uma forma de pensamento racional, que surgiu na Antiga Grécia, aproximadamente entre os séculos VI e V antes da Era Cristã. Etimologicamente, significa “amor pelo saber” ou “amizade pela sabedoria”, designando, pois, uma postura ou uma atitude daquele que, por um lado, não se considera sábio (detentor de algum tipo de saber), mas que, por outro lado, busca a sabedoria por meio da inquirição, ou seja, a Filosofia é a indagação pelo saber; aquele por sua vez, que a pratica, qual seja o filósofo, é o amigo da sabedoria ou o amante do saber, que nada mais é do que alguém que persegue a verdade seja ela qual for. Desse modo, a Filosofia, desde os seus primórdios, elegeu-se como uma forma de abordagem da realidade cujos níveis de abrangência e de profundidade fossem os mais elevados possíveis, de maneira que nada lhe pudesse passar indiferente, o que faz dela uma busca incessante pelo conhecimento em seus mais diferentes ângulos, razão pela qual a Filosofia não tem nenhum objeto de estudo definido, pois tudo pode ser por ela estudado.

Desde o seu nascimento, a Filosofia procurou, direta ou indiretamente, oferecer ao ser humano novas maneiras de pensar, de sentir, de agir e de produzir; isso fez com que ela se voltasse também para questões que dizem respeito ao modo como as gerações presentes poderiam aproveitar as vivências e as experiências das gerações passadas, a fim de que pudesse apropriar-se das mesmas de forma que delas pudessem servir-se e, posteriormente, incrementar as suas próprias vivências e experiências a serem transmitidas para as gerações futuras. Assim sendo, a Educação (que, em sentido amplo, consiste em uma atividade pela qual as gerações presentes acessam aquilo que gerações passadas acumularam e, conseqüentemente, transmitem-no às gerações futuras) constitui um instrumento extremamente eficaz para o progresso da humanidade, uma vez que, sem ela, cada geração teria de começar sempre do zero; a Filosofia, assim, procurou servir-se da Educação para que a humanidade pudesse, progressivamente, aprimorar-se a si mesma à medida que as gerações aperfeiçoassem a sua maneira de

produzir a sua própria existência, tanto material quanto espiritual; isso significa que, para a Educação não se transformar em uma simples transmissão de informações de uma geração à outra, sem qualquer mudança ou aprimoramento, a Filosofia nela tem interferido para que se tornasse uma atividade capaz de autocrítica, eis o elo fundamental entre Filosofia e Educação.

Sendo a Educação uma área extremamente ampla, nela existem diversos setores, dentre os quais se encontra a Educação Ambiental, que consiste em uma disciplina que se propõe tanto a refletir quanto a atuar sobre as maneiras pelas quais as gerações passadas e presentes têm interagido com o meio ambiente, a fim de verificar o que tem sido acertado e o que tem sido errôneo nesse processo de interação com a natureza, com o intuito de mudar aquilo que precisar ser mudado para não se romper o frágil equilíbrio entre o homem e o meio ambiente. Desse modo, a Educação Ambiental é uma disciplina simultaneamente de caráter descritivo e normativo, uma vez que cumpre a dupla tarefa de diagnosticar as causas e as conseqüências do processo de interação que a humanidade tem mantido com a natureza, bem como a tarefa de propor o que urge ser repensado, revisto e refeito pelo homem a fim de que o mesmo não deprede o meio ambiente de forma a colocar em risco de extinção não somente outras espécies de seres vivos, mas também a sua própria espécie. Para isso, a Educação Ambiental precisa da colaboração de recursos teóricos ou conceituais oriundos da Filosofia.

A necessidade que a Educação Ambiental tem no sentido de recorrer a teorias e a conceitos é o elo fundamental que a vincula à Filosofia, atividade teórica e conceptual por excelência. Desse modo, cabe à Educação Ambiental ouvir o que a Filosofia tem a dizer sobre questões acerca do ser humano, da natureza e das relações entre um e outra, a fim de que possa pensar que caminhos deve tomar no sentido de cumprir a sua função. Desse modo, será feita uma abordagem sobre o que a Filosofia tem feito e que possa ser útil à Educação Ambiental; para isso, recorrer-se-á aos filósofos Platão (428/7-348/7 a.C) e Félix Guattari (1930-1992).

Platão, em um de seus diálogos (*Crítias*), tece uma narrativa sobre uma civilização perdida, o reino de Atlântida. Apesar de ter alcançado pleno desenvolvimento, os atlantes, que eram uma raça divina e virtuosa, afastaram-se das suas origens, apegando-se a tudo aquilo que é mundano e vicioso. Destarte, tornaram-se orgulhosos e corruptos; sua ambição e sua sede de poder tornaram-se tamanhas que os próprios deuses sentiram-se afrontados e constrangidos a destruir aquela civilização que, outrora, havia sido o que havia de melhor na raça humana. Eis como Platão

sintetiza o destino de Atlântida, fazendo-o pelo discurso de Crítias, personagem principal do diálogo:

Tal era o formidável poderio que existia naquela região, e que o deus reuniu e voltou contra o nosso país pela seguinte razão. Durante muitas gerações, enquanto a natureza do deus se manifestou suficientemente neles, obedeceram às leis e ficaram ligados ao princípio divino com o qual estavam aparentados. Só tinham pensamentos verdadeiros e grades em tudo, e comportavam-se com doçura e sabedoria perante todos os acasos da vida e nas suas relações mútuas. Assim, só prestando atenção à virtude, faziam pouco caso dos seus bens e suportavam facilmente o fardo constituído pelo seu ouro e por outras posses. Não se inebriavam com os prazeres da riqueza e, sempre senhores de si mesmos, não se afastavam do seu dever. Temperantes como eram, viam claramente que todos estes bens também cresciam pela afeição mútua unida à virtude; e que, quando os homens se agarram a eles e os honram, eles perecem e a virtude perece com eles. Enquanto pensaram assim e conservavam a sua natureza divina, viram crescer todos os bens de que falei. Mas, quando a porção divina que estava neles se alterou pela freqüente mistura com um elemento mortal considerável, e o carácter humano predominou, incapazes desde então de suportarem a prosperidade, comportaram-se indecentemente; e aos que sabiam ver pareceram feios porque perdiam os mais belos dos seus bens mais preciosos, enquanto os que não sabem discernir o que é a vida feliz os achavam perfeitamente belos e felizes, embora eles estivessem contaminados por injustiças, cobiças e pelo orgulho de dominar. (PLATÃO, 1969:325)

Ficção ou realidade, Platão chama a atenção no *Crítias* para o fato de que o homem não deve cobiçar aquilo que não lhe compete e, assim, aquilo que ele condena nos atlantes é, **mutatis mutandis**, justamente a racionalidade científica e tecnológica reinante nos dias atuais, que dá ao homem a ilusão de que ele é o rei da natureza, podendo, pois, moldá-la segundo os seus próprios caprichos e, conseqüentemente, ignorando as conseqüências desastrosas que tamanha ousadia poderá causar. Tal ousadia, atualmente, revela-se na exploração depredatória do meio ambiente, cujos recursos têm sido sistematicamente exauridos em nome de uma ideologia segundo a qual obter lucro a todo e qualquer preço é o que importa.

O alerta de Platão serve para a humanidade atual: o planeta Terra está sofrendo bruscas alterações climáticas que, embora isso não seja um fato inédito na história natural, a novidade é que a espécie humana, direta ou indiretamente, tem sido uma das principais responsáveis, senão a maior de todas elas, por tais fenômenos, devido ao desenvolvimento industrial que, por sua vez, acarreta o aumento da poluição que, por sua vez, além de sobrecarregar o ciclo natural de renovação dos recursos naturais, provoca o aumento da temperatura no planeta, o que pode levar ao derretimento do gelo

polar, elevando o nível dos oceanos que, assim, começarão a invadir os continentes, inundando áreas costeiras e submergindo ilhas.

Félix Guattari, militante ambientalista, elaborou uma crítica combatendo o dualismo homem **versus** natureza que, para ele, deve ser substituído por uma visão holística, na qual se conjugam inter-relações entre indivíduo, sociedade e meio ambiente. Assim sendo, Guattari propõe uma abordagem na qual sejam pensados como elementos interconectados as relações entre a subjetividade individual, a intersubjetividade coletiva e a objetividade ambiental, uma vez que pensar tais elementos em separado tornaria estéril qualquer medida a ser tomada em relação àquilo que deve ser feito em prol de um projeto que vise à harmonia entre a humanidade e a natureza. Assim sendo, para mudar a mentalidade das pessoas em relação aos cuidados que as mesmas devem ter para com o meio ambiente, são necessárias mudanças na mentalidade social e ambiental, tal é a proposta da tríade ecológica defendida por Guattari, que ele denomina *ecosofia*: “Sem modificações no meio ambiente social e material, não pode haver mudança nas mentalidades. Aqui, nós estamos na presença de um círculo que me conduz à necessidade de postular a necessidade de encontrar uma ‘ecosofia’ que vincularia a ecologia ambiental à ecologia social e à ecologia mental” (GUATTARI, F. apud HYPERLINK, 2007).

Platão e Guattari são exemplos de que os filósofos também se interessam por questões ambientais. Além deles, o Século XX presenciou o nascimento de uma corrente filosófica denominada *ecofilosofia*. Segundo o testemunho de Gaarder:

Muitos ecofilósofos do Ocidente defendem o ponto de vista de que nossa civilização tomou o caminho errado e se encontra em rota de colisão com o que este planeta é capaz de agüentar. Esses filósofos tentam pesquisar mais a fundo e não apenas discutir as conseqüências concretas da poluição e da destruição ambientais. Para eles, alguma coisa não está certa em todo o pensamento ocidental. [...] Os ecofilósofos questionaram, por exemplo, a noção de evolução, que se baseia na suposição de que o homem está “no topo” da natureza; ou seja, que somos os senhores da natureza. E é precisamente este pensamento que pode colocar em risco toda a vida do planeta. (GAARDER, 1995:493)

Apesar das discrepâncias em torno das opiniões acerca de como se posicionar perante os problemas dos tempos atuais, o fato é que tais problemas são conseqüências de concepções que não mais se fazem sustentáveis, tais como a concepção segundo a qual os recursos naturais são ilimitados, bem como a concepção segundo a qual o

homem é o proprietário da natureza, o que o leva a abusar dela. Em substituição a tais concepções, há que se conceber que é preciso empreender uma exploração equilibrada dos recursos ambientais, assim como é preciso repensar e posicionar o ser humano como parte da natureza, à qual deve sua própria existência. Todavia, tais mudanças não são fáceis e constituem desafios para as presentes e para as futuras gerações, pois as rupturas nas formas de pensar e de agir em relação à natureza dizem respeito a modificações no modo de viver das mesmas, o que requer transformações não somente individuais, mais também coletivas, ou seja, políticas, econômicas e culturais, transformações essas que vão desde ao fato de economizar energia elétrica, utilizar mais materiais reciclados, diminuir o fluxo de veículos automotores com combustíveis poluentes etc., até novas formas de desenvolvimento ecologicamente harmônicos, como a substituição de combustíveis fósseis por combustíveis biodegradáveis, ou até mesmo por meio de uma legislação (de caráter internacional, inclusive) que proteja a natureza contra a ambição inescrupulosa da qual o ser humano é capaz e que pode colocar em risco a permanência da própria humanidade no planeta Terra, que é a casa comum de toda a humanidade, sua mãe, seu ventre, razão pela qual é digna de todo o respeito; é por isso que a Filosofia e a Educação Ambiental devem somar esforços no sentido de lutar pela nobilitante causa de salvar o planeta de um colapso ambiental.

Referências:

PLATÃO. **Diálogos:** Sofista, Político, Filebo, Timeu, Crítias. Portugal: Publicações Europa-América, 1969.

GAARDER, J. **O Mundo de Sofia:** romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GUATTARI, F. apud <[www.wikipedia.org/Ecophilosophy\[1\].htm](http://www.wikipedia.org/Ecophilosophy[1].htm)> Acesso em: 29 maio 2007 – tradução nossa.